

A crise que pode contaminar o país

Em um único dia, o Brasil assistiu ao afastamento do diretor-geral da Polícia Federal por ordem de um ministro do Supremo Tribunal Federal, à formação de maioria na Segunda Turma para referendar essa decisão, a 11 diretores da PF colocando os cargos à disposição em protesto, à Advocacia-Geral da União (AGU) preparando recurso contra a decisão e ao presidente da Corte avaliando redistribuir relatorias para tentar conter o conflito. Tudo isso a menos de dois meses de uma eleição presidencial, em um STF que opera com cadeira vaga desde a saída de Luís Roberto Barroso e que ex-ministros da própria Corte classificaram, em carta aberta nesta terça-feira, como vivendo a “mais aguda crise” de sua história.

O encadeamento dos fatos já ilustra o problema do vazamento. Mendonça retira o sigilo de um relatório da PF que expõe mensagens de Vorcaro a Moraes. Moraes responde pedindo a investigação de Mendonça. Mendonça descobre que a inteligência da PF o monitorava há mais de um mês e afasta o diretor-geral Andrei Rodrigues. A AGU entra no conflito alegando invasão de competência da presidência. Gilmar Mendes paralisa o julgamento alertando para o risco de desequilíbrio eleitoral. Cada movimento arrasta um novo ator para dentro da disputa. Quanto mais atores entram, mais difícil fica encontrar quem ainda esteja fora o suficiente para arbitrar.

É esse o risco real da atual crise. Uma Corte em guerra consigo mesma perde progressivamente a autoridade moral e jurídica para arbitrar os outros Poderes. Além disso, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), que depende da credibilidade do Judiciário para conduzir uma eleição disputadíssima, vê seu terreno ficar progressivamente mais

instável. Uma crise que começou entre dois ministros do Supremo já contaminou a PF, a AGU e o Ministério da Justiça. O passo seguinte, se não for contida, pode ser o Congresso e, depois, o processo eleitoral inteiro.

O momento atual transforma o que já era grave em algo perigoso. Em um ano eleitoral, cada decisão do Supremo é lida como gesto político antes de ser lida como ato jurídico. Cada afastamento, cada pedido de vista, cada redistribuição de relatoria pode ser interpretado por algum campo como prova de alinhamento e usado como munição para deslegitimar não apenas a Corte, mas o resultado de outubro antes que ele aconteça, e qualquer que ele seja. É o combustível perfeito para quem tem interesse em chegar às urnas com o árbitro desacreditado.

É por isso que a saída republicana pelo plenário não é apenas desejável, como a única que tem chance de funcionar. O julgamento fragmentado, em turmas, em sessões virtuais, com pedidos de vista que congelam decisões por 90 dias, não resolve a crise. Apenas a administra mal e deixa cada episódio aberto para novas rodadas de conflito. O plenário unido, em sessão presencial e pública, como pedem os ex-ministros, é o único foro que pode dar à decisão final a legitimidade que a situação exige e sinalizar ao país que o STF ainda é capaz de se autorregular.

O Brasil tem eleição marcada. Tem uma democracia que sobreviveu a ameaças recentes. E tem o direito de chegar a outubro com árbitros legítimos e instituições que funcionem, ainda que imperfeitamente, ainda que sob tensão. Sem isso, a eleição mais importante dos últimos anos será realizada em um vácuo institucional que nenhum resultado será capaz de preencher.



RODRIGO CRAVEIRO
rodrigo.craveiro@gmail.com

O dia da vitória do mal

Uma geração inteira ainda haveria de nascer depois de 11 de setembro de 2001. Naquela manhã de uma terça-feira ensolarada, o ódio, o terror e o mal prevaleceram diante do olhar atônito de bilhões de pessoas de todo o planeta. Era subeditor de Mundo do jornal *O Popular*, em Goiânia, e tinha trabalhado até tarde na véspera. Recebi uma ligação da empresa pedindo que eu ligasse a televisão e informando que “um avião colidiu com um prédio em Nova York”. Imaginei que se tratava de uma aeronave pequena comandada por um piloto inexperiente e, a princípio, não dei muito ouvidos.

Minutos depois, assistia, atônito e incrédulo, ao desenrolar do maior atentado terrorista da história. As imagens ao vivo do segundo avião comercial sendo lançado contra o World Trade Center pareciam surreais demais. O que dizer do Pentágono atingido, das duas Torres Gêmeas desabando, do voo 93 mergulhado no vazio, sobre a Pensilvânia? Depois, as semanas de luto e dor nos Estados Unidos; as buscas pelos corpos, por improváveis sobreviventes e por respostas.

Vinte e cinco anos depois, o mundo está longe de ser seguro. Os massacres no sul de Israel e na Faixa de Gaza e o assassinato do aiatolá Ali Khamenei em Teerã podem ter reforçado o extremismo e a sanha de vingança. É uma espiral sem-fim, um ciclo de ódio que se retroalimenta da política imperialista dos Estados Unidos, assim como do militarismo israelense. Imaginar que a morte do guia supremo iraniano — um líder máximo do xiismo — ficará impune é ser ingênuo demais.

Trump teria sofrido três tentativas de

assassinato durante a campanha e ao longo de seu segundo mandato. Muitos analistas apontam para uma conexão iraniana e veem o planejamento de vingança pela morte de Qassem Soleimani, chefe da Guarda Revolucionária Islâmica, em um bombardeio com drone em 2020. A eliminação de Ali Khamenei, em uma operação conjunta com Israel, em 28 de fevereiro passado, adiciona mais um elemento a teses conspiratórias contra Trump e contra os EUA.

Como o mundo pode ser mais seguro se o presidente da nação mais poderosa do mundo (ou a segunda?) classifica os iranianos como “escória” e ameaça sequestrar o Estreito de Ormuz, assim como os 20% do petróleo mundial que escoam por aquele canal marítimo? Trump, com seus arroubos de xerife do planeta, pode estar decretando um futuro próximo de terror e de mortes dentro de seu próprio território.

A guerra da Casa Branca também tem atingido milícias xiitas no Iraque e na Síria, assim como o movimento fundamentalista armado Hezbollah, no Líbano. A toda ação corresponde uma reação, não necessariamente proporcional. Espero que todo o horror das imagens daquele 11 de setembro de 2001 jamais se repita.

Como líder de uma nação, Trump tem o dever moral de proteger e preservar sua própria população. A decisão de embarcar na guerra contra o Irã foi precipitada e mal planejada. A morte de Osama bin Laden e o desmantelamento financeiro e operacional da Al-Qaeda, assim como o combate ao Estado Islâmico, pareciam ter decretado uma trégua do terror. Trump pode ter realimentado o extremismo.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Crise no STF 1

Mais uma vez, o Brasil está em um mato sem cachorro — e com a onça faminta por perto. Em pleno momento de eleições gerais, enfrentamos um grave impasse justamente na instituição que deveria transmitir máxima segurança jurídica ao país. O presidente do Supremo Tribunal Federal (STF) concedeu cinco dias para que os envolvidos apresentem suas manifestações e justificativas. Mas, encerrado esse prazo, quanto tempo mais ainda será necessário para uma sensata decisão? Diante da excepcional gravidade do momento, prudência não pode significar demora ou indecisão. Seria demonstração de grandeza ouvir também ministros aposentados, cuja experiência pode contribuir para uma solução equilibrada. Uma eleição polarizada exige uma Suprema Corte acima de qualquer suspeita, firme, independente e respeitada. Não podemos permitir que dúvidas internas enfraqueçam a credibilidade da mais alta instância do Judiciário brasileiro. A sociedade acompanha boquiaberta o episódio, também com apreensão, e exige transparência, serenidade e rapidez. O STF precisa oferecer uma resposta rápida para a sociedade, e à altura de sua responsabilidade constitucional — o país não pode esperar indefinidamente. O remédio para essa inusitada crise pode ser amargo para alguns, mas que seja um exemplo e que nunca mais isso venha a acontecer na mais alta Corte de nosso país.

» **João Coelho Vítola**
Asa Norte

Crise no STF 2

Diz-se que o crime no Brasil é tão organizado que seu departamento jurídico é o STF. Essa desconfiança remonta a 2019, com a abertura do Inquérito das Fake News, uma aberração jurídica que mais parece um rolê aleatório. Nele, estão inseridos uma revista, alguns parlamentares, um ex-presidente, blogueiros, uma rede social, um bilionário americano e, por pouco, quase entrou um colega ministro da Corte. Mais curiosa ainda é a contradição do próprio relator: o ministro Alexandre de Moraes, em um inquérito aberto de ofício, atua de ofício para investigar André Mendonça, alegando que este cometeu crime por ter atuado de ofício. Diante disso, não sei se se trata de receio ou de pachorra — ou de ambos. O oprobrio da Corte, na verdade, vai muito além de 2019. Basta voltarmos a 2002, quando foi criada a TV Justiça, a respeito da qual o professor Octaciano Nogueira, cientista político, historiador e meu avô, já advertia que o telejornalismo seria a desgraça do STF, pois os ministros deixariam de ser ministros para virarem celebridades. E certo estava: ninguém resiste às luzes da ribalta, pois, afinal, rememorando frase do personagem de Al Pacino em *O advogado do dia-bo*, “a vaidade é meu pecado favorito”.

» **Ricardo Santoro**
Lago Sul

Feminicídio

O Distrito Federal começa a semana com mais um caso de feminicídio. São 16 desde o início deste ano, segundo os dados do GDF. E boa parte deles com ódio e covardia ao extremo. Nesse último, no Itapoã, o criminoso matou a companheira na frente da filha, uma criança de 4 anos. É

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Na Monarquia, mandavam matar o mensageiro. Na República, demitem o delegado.

Nelson Cardoso — Brasília

O afastamento do diretor da Polícia Rodoviária Federal (PRF) pelo ministro do STF Alexandre de Moraes também não foi violação de competência? Criaram jurisprudência. Agora, segurem.

Rodrigo Henrique — Brasília

Ou o Supremo Tribunal Federal honra a toga ou pede registro no Tribunal Superior Eleitoral e vira partido político.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Trump quer mudar o nome do estado de Novo México para Nova América. Achei estranho ele não escolher Trump State.

Diego Carvalho — Piauí

mais uma órfã dessa barbaridade que toma conta do país e que precisa parar imediatamente. Até quando vamos acordar com essas notícias? Não faltam candidatos, nestas eleições, dizendo que as mulheres são prioridades. É sempre assim em todas as campanhas. Mas os covardes continuam nos matando.

» **Beatriz Mendes**
Asa Norte

Alemanha

A vitória da extrema-direita alemã fez o continente inteiro tremer, com o mesmo discurso de medo e ressentimento e a mesma estratégia de explorar as crises, citar fantasmas e transformar frustração em voto. Isso é parte de uma onda que avança na Europa alimentada pela desinformação, pela polarização e pela incapacidade dos governos tradicionais em responder aos anseios da população. A ascensão da extrema-direita nasce do abandono político, da desigualdade, da falta de justiça e da sensação de que, na cúpula do poder, ninguém está ouvindo. O Brasil que se cuide!

» **Pacelli M. Zahler**
Sudoeste

CORREIO BRAZILIENSE

*“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegará”*
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	R\$ 1.187,88
			360 EDIÇÕES (promocional)
Assine (61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2586 Whatsapp.

ANJ WZ
associação de jornais

Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS 

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br